



MULHERES NEGRAS E O AMOR: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL E SUBJETIVA

Tamires Marinho¹
Martinho Tota²

RESUMO

Testemunharemos em nossa pesquisa, a vida amorosa de mulheres negras e seus entrelaçamentos com os conceitos de gênero, raça, classe e subjetividade. O tema nasce da atuação em clínica psicanalítica, onde ao receber pacientes para processo terapêutico, percebo a grande frequência com que mulheres procuram o serviço de saúde mental, por causa de seus sofrimentos associados a relacionamentos amorosos. Nosso objetivo é acompanhar nas entrevistas, as histórias de quatro mulheres negras, de formas diversas de gênero e sexualidade, de modo a percebermos o quanto suas vidas amorosas são impactadas por estes fatores, e o quanto isso lhes custa do ponto de vista de sua saúde mental e física. A proposta metodológica é de apresentarmos as trajetórias das interlocutoras, além de suas relações prévias com a pesquisadora, visto que todas passaram por terapia individual; e entre suas narrativas de si, amarrar a discussão teórica, os temas serão os que as próprias interlocutoras trazem nas suas entrevistas. Para este fim de análise, percorreremos os impasses que o campo nos coloca nesta modalidade de pesquisa, no caso, uma pesquisa com forte interação prévia entre pesquisador e interlocutor. Dos resultados do campo, relataremos brevemente as demandas e assuntos das interlocutoras, que vão desde situações de ordem subjetiva de sua relação com o campo do amor, desejos, sonhos, traumas, a violência física; relataremos ainda, algumas reflexões acerca da aplicação do método pensando a ética e a profundidade subjetiva dos relatos colhidos.

Palavras-chave: Subjetividade; INTERSECCIONALIDADE; RELAÇÕES AMOROSAS; DECOLONIALIDADE.

UNILAB, PPGA - UFC/UNILAB, Discente, tamires-marinho@outlook.com¹
UFC, PPGA UFC/UNILAB, Docente, martinho.tota@gmail.com²

INTRODUÇÃO

O tema da presente pesquisa, nasce da atuação da autora em clínica psicanalítica, onde ao receber pacientes, fica visível e destacado, a frequência com que mulheres procuram o serviço de saúde mental, tendo como motivador, seus sofrimentos associados a relacionamentos amorosos.

Esta “modalidade de sofrer”, é importante que se diga, não é exclusiva de mulheres negras; apesar de encontrarmos as mesmas problemáticas em mulheres e homens, brancos e negros, o que nos fez estabelecer o recorte neste segmento, foi a percepção de que, nestes casos em específico (das mulheres negras), não só atuam os dispositivos de gênero que impelem às mulheres a tudo suportarem para se manterem nas relações, ou fazerem-se desejáveis de modo a atrair o tão sonhado par romântico, ao que me parece, há na circulação do discurso amoroso em nossa sociedade, um dispositivo em si mesmo, gendrado, que se impõe num certo padrão de formas de amar, prescritas para homens e mulheres. E que também estabelece hierarquias de raça e classe entre os sujeitos sociais.

Mulheres negras, são impactadas ainda mais pelo peso social; por habitarem um corpo socialmente significado como pejorativo através do racismo; e ainda, como veremos, quando o gênero que expressam não é o normativo, isto também lhes é imposto como dificuldade no campo amoroso, lhes causando grandes cargas de sofrimento, e prejuízos diversos.

Disto resulta, que nossa pergunta de partida seria, a implicação das formas de opressão de gênero, raça, e classe que eventualmente ocorrem com mulheres negras na atualidade, em suas experiências afetivas/sexuais.

Não temos aqui pretensões universalistas ou hegemônicas das experiências de mulheres negras no campo do amor, sabemos que trajetórias são sempre únicas e individuais, e que os fatos com os quais nos encontraremos adiante, não encerram o que pode a mulher negra em nossa sociedade. Inversamente, pretendemos, ao analisar suas trajetórias irmos descobrindo, ao passo do caminho delas, como comparecem nas suas trajetórias, o racismo, o machismo, a homofobia; levaremos em conta ainda os nossos sistemas atuais de prescrições sociais para o campo do amor.

Advindas de uma sociedade colonizada como a nossa, as prescrições de gênero, raça e classe se impõem no cotidiano, mesmo no campo das relações amorosas, sobretudo neste campo. Trataremos deste assunto, com literaturas bibliográficas do campo da Decolonialidade, principalmente, mas também com obras da Sociologia, Antropologia, Feminismo Negro, etc; além de sua demonstração a partir dos relatos das entrevistas.

Nossas interlocutoras são quatro jovens mulheres negras, ex pacientes do meu trabalho na clínica psicanalítica, com idade entre 23 e 33 anos de idade, todas de classe média baixa, com ensino superior completo ou cursando, todas são mulheres cisgênero, sendo uma sapatão, uma bissexual, uma pansexual e uma heterossexual. Todas passaram por entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio, que foram realizadas presencialmente ou online, de onde provém a maioria de nossas informações de campo, que serão complementadas apenas quando necessário, com informações prévias, adquiridas das suas sessões de terapia, sempre contando com o consentimento delas, protegendo suas identidades, e as das pessoas por elas citadas.

OBJETIVOS

- Acompanhar a trajetória das quatro interlocutoras, destacando os pontos em comum e suas



diferenças na sociedade e na experiência vivida.

- Entrelaçar suas histórias pessoais, com as posições que cada uma delas ocupa na sociedade, de forma teórica, apontando para os conflitos de gênero, raça e classe.
- Debater a subjetividade das interlocutoras, e o sofrimento causado pelas formas de opressão, além de suas formas de superação e resistência.

METODOLOGIA

Devemos fazer uma análise das histórias contadas por cada uma das entrevistadas, portanto, começamos apresentando-as, e posicionando também nossa relação com a interlocutora. Com suas trajetórias descritas, partimos para a etapa de contextualização e análise da trajetória, levando em consideração que a bibliografia converse com a situação apresentada pela interlocutora em entrevista, e não o contrário, de modo a garantir que não haja uma distorção da fala da interlocutora.

Todas as interlocutoras da pesquisa, são, no momento das entrevistas, ex pacientes do meu trabalho com Psicanálise Clínica, escolhi-as por lembrar de cada caso, e saber de antemão algo de suas vidas amorosas, e de suas afetações com o assunto. Mas principalmente, por acreditar, que, caso escolhesse um outro campo, ou interlocutoras que me fossem totalmente desconhecidas, teria muita dificuldade em colher o rico material que elas me forneceram. A proximidade e intimidade que a posição de um terapeuta produz, é muito forte, possivelmente, mais forte que de muitos outros tipos de laço. Num consultório de Psicanálise, se ousa dizer de tudo que não se pode num espaço comum, e defendemos que esta proximidade é responsável pela profundidade subjetiva e íntima dos relatos colhidos, que de outro modo não teríamos conseguido, inclusive, este dado foi confirmado por entrevista com todas as entrevistadas.

As entrevistas foram feitas com ex pacientes, para não comprometer o tratamento de pacientes em trabalho terapêutico, porém em todos os 4 casos, percebemos que o vínculo terapêutico não foi quebrado. As entrevistas foram feitas na minha casa, ou na da interlocutora (por escolha da interlocutora, e evitando o espaço clínico); e em casos de impossibilidade geográfica, feitas de forma online, semiestruturada. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, e serão transcritas no texto final.

Tal tarefa nos impõe debates importantes, como a reflexividade pesquisador-pesquisado, a questão da proximidade, os limites éticos, o estabelecimento das vozes no texto, as dificuldades de se colocar em prática a pesquisa. Sobre isto, trabalharemos o que nos diz Grada Kilomba, em seu aclamado livro Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. A autora, nome indispensável do feminismo negro, discute sua metodologia ao contrariar o que chama de “metodologia tradicional” onde a distância entre pesquisador e interlocutor deveria se dar por uma relação de neutralidade, de impassibilidade diante do interlocutor. Kilomba nos afirma, que, ao realizar produções acadêmicas, que envolvam emoções e vivências do pesquisador e do pesquisado, estamos a transformar as noções de conhecimento científico e de poder, ao relatar suas emoções e as do seu interlocutor, se realiza uma operação de atualização e decolonização do saber científico.

A interpretação dos relatos de entrevista, seguem esta lógica, de humanizar as interlocutoras, e fazendo jus a relação prévia com as mesmas, daremos ênfase no conteúdo subjetivo e afetivo que nosso tema contempla, compreendendo as situações vividas pelas interlocutoras, não como homogeneizantes das experiências de mulheres negras, mas sim de trajetórias individuais que se entrelaçam com as demandas sociais e diferenças de gênero, raça e classe.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre nossos resultados, além da enorme contribuição obtidas através dos relatos, que vão desde a infância, educação relação familiar, cuidados e percepção do corpo, com a estética da branquitude, os conflitos com pares amorosos, e situações problemáticas que envolvem gênero, raça e classe na vida das interlocutoras. Traremos interpretações que nos levam a buscar o que se repete nas quatro histórias apresentadas, mesmo que de perspectivas muito diferentes e únicas, os recortes de gênero, raça e classe, parecem existir em todas as trajetórias com que trabalhamos.

Outro fator fundamental de análise, é o discurso social envolvido na preparação e educação gendrada que dirigimos, enquanto sociedade, às meninas. Quando falamos de afetividade amorosa/sexual, como muitas feministas já atestaram (WITTIG, WOLF, HOOKS...) as pessoas nascidas com sistema reprodutor feminino, em nossa sociedade, são impelidas a buscarem no amor, e sua realização, a solução de suas vidas. Como dizia Gayle Rubin, há um sistema sexo-gênero que impõe sobre a mulher certos comportamentos esperados e cobrados dela pela sociedade, que provém da relação familiar, institucional, educacional, etc.

Acompanhamos nas trajetórias, como o racismo se impõe neste sistema, que “regulamentam indiretamente” os relacionamentos amorosos, criando um sistema que divide as mulheres entre as que “merecem” afeto (brancas, de beleza-padrão) e consideração, e aquelas que podem ser descartadas e desrespeitadas (pretas, e fora do padrão). No caso específico do campo do gênero, vemos as dificuldades sociais enfrentadas por mulheres LGBT, ao serem substituídas publicamente por relações heterossexuais, por força social da homofobia, e terem seus relacionamentos desconsiderados, ou tidos como irrelevantes, por familiares e pessoas conhecidas.

CONCLUSÕES

Como conclusões, pensaremos as questões obtidas pelas entrevistas, de modo a integrar saberes distintos, que para nós é o necessário para dar conta de situações complexas como as que envolvem o campo do amor e da afetividade. Eis algumas das conclusões a que chegamos, unindo os relatos obtidos à perspectivas teóricas sobre os elementos da cultura que permeiam estas relações

Concluimos que o que Gayle Rubin chama de sistema sexo-gênero, parece comparecer de modo muito evidente na educação e na experiência vivida das mulheres, e em menor âmbito, também produz efeitos significativos no campo da afetividade.

Outro fator observado, é o incentivo e o valor que mulheres dão ao amor, em especial as mulheres negras como sistema de autoafirmação, também comparecem aqui os estudos sobre a solidão da mulher negra, e de sua imagem social, fabricada a partir dos efeitos do racismo. Encontramos estudos deste fenômeno em obras do feminismo negro como B. HOOKS; L. GONZALES; A. C. L. PACHECO, etc.

Por último, pensamos a respeito dos fatores de sofrimento psíquico, mas também de resistência e aprendizado que compõem as histórias das interlocutoras, como a própria jornada, seus aprendizados e desafios à norma, compõem uma força para elas, a saber os processos de letramento racial, de letramento de gênero, e o próprio processo terapêutico, conforme elas mesmas afirmaram, produziu uma saída possível para as interpéries que nossa sociedade impõe a estas mulheres.

Mulheres negras se fortalecem quando aprendem sobre si, quando podem partilhar e pensar suas experiências num lugar seguro para elas. Quando suas dores e vivências são escutadas com a devida importância e respeito.



AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os docentes do Programa PPGA - UFC/UNILAB, por toda cooperação, cuidado e dedicação.

REFERÊNCIAS

- GONZALES, L. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de janeiro : Zahar (1988/2021).
- HOOKS, B. Comunhão: a busca das mulheres pelo amor. [s.l.] Editora Elefante, 2024.
- KILOMBA, G. Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano. RIO DE JANEIRO: COBOGÓ, 2019.
- PACHECO, A. C. L. Mulher negra: afetividade e solidão. Salvador: EDUFBA, 2013.
- RUBIN, G. "O tráfico de mulheres: notas sobre a 'economia política' do sexo." Rio de Janeiro: UBU, 2019.
- WITTIG, M. O pensamento hétero e outros ensaios. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2022